

---

## Hermann Broch sob a ótica kunderiana: *Os sonâmbulos* como observação da decadência dos valores na Primeira Guerra Mundial

Emanuelle Souza Alves da Silva<sup>1</sup>  
Ana Paula Aparecida Caixeta<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo traz a obra *Os sonâmbulos* (1932), de Hermann Broch, com a intenção de explorar aspectos estéticos nela contidos que revelam conhecimentos acerca da condição humana no contexto da Primeira Guerra Mundial. A partir da discussão de Milan Kundera sobre o fazer romanesco, pretende-se esboçar de que modo essa problemática é tratada como hipótese ontológica do romance brochiano, norteador o conflito que reflete a respeito da natureza e decadência dos valores ocidentais observados em tempos de guerra. A partir da teoria de Broch sobre a decadência dos valores, é possível entender de que modo a Alemanha deu abertura para o sistema totalitário nazista. Para contemplar essa reflexão, a investigação aqui proposta está norteadora pela teoria da Epistemologia do romance, cujo constructo é pautado no diálogo entre filosofia e literatura.

**Palavras-chave:** Hermann Broch; condição humana; Milan Kundera; Epistemologia do Romance.

**Abstract:** This Article deals with the work *The Sleepwalkers* (1932), by Hermann Broch. It intends to explore aesthetic aspects contained in it that reveal knowledge about the human condition in the context of the First World War. Based on Milan Kundera's discussion of the write of novels, we intend to outline how this issue is treated as an ontological hypothesis in *The Sleepwalkers*, guiding the conflict that reflects on the nature and decadence of Western values in times of war. From Broch's theory on the decay of values, it is possible to understand how Germany opened up to the Nazi totalitarian system. To contemplate this reflection, the investigation proposed here is guided by the theory of Epistemology of Romance, based on the dialogue between philosophy and literature.

**Keywords:** Hermann Broch; human condition; Milan Kundera; Epistemology of Romance.

---

1 Graduada em Filosofia pela Universidade de Brasília e Mestre no Programa de Pós Graduação em Metafísica da Universidade de Brasília. E-mail: emanuellesas@hotmail.com

2 Professora Adjunta do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-Graduação em Literatura (PósLit) da Universidade de Brasília. E-mail: anapaulacaixeta.unb@gmail.com

## APRESENTAÇÃO

Este texto nasce impulsionado pelo interesse no viés filosófico das obras literárias do escritor vienense Hermann Broch (1886-1951), sendo o objeto literário deste artigo a obra *Os sonâmbulos* (1931/2011). Nossa intenção é apresentar um panorama que diz respeito ao modo com que Broch trata a problemática da decadência dos valores a partir desta obra.

O romance foi escrito em 1932 abarcando o contexto alemão e a narrativa se passa da iminência à chegada da Primeira Guerra Mundial. Esse horizonte temporal coloca *Os sonâmbulos* num espaço nebuloso e de difícil clareza da condição humana, em que Broch se esforça para desenvolver teorias e reflexões na tentativa de contemplar as problemáticas existenciais que envolviam aquele contexto. A partir das personagens centrais dos três volumes da obra, Pasenow, Esch e Huguenau, observamos temas que fazem com que se tenha acesso ao que seria sua teoria da decadência dos valores. Assim, para além dos aspectos e contribuições históricas da obra que dizem respeito a sua credibilidade, direcionamos nosso olhar às condições de existência tratadas por Broch, que, não tendo encontrado espaço na filosofia vienense para explorar essas problemáticas, percebe no espaço estético possibilidades de trabalhar assuntos de natureza da condição humana evidenciados naquele contexto. Desse modo, ele adentra o campo da literatura tentando abranger o espírito de sua época e acreditando que o papel ético da obra de arte “é o símbolo daquilo que é e da eternidade, sempre e insistentemente libertação do medo” (BROCH, 2014, p. 28).

Vale ressaltar que a noção de ética na arte da qual se vale o autor não é direcionada pelo compromisso externo da obra diante dos anseios de um grupo, um ideal de valores ou uma ideologia. Em suas discussões ensaísticas, em diálogo com o que o romance traz, Broch (2014) demonstra preocupação com um mal ético que assola a estética do início do século XX, especialmente pela arte parecer estar a serviço da complacência das sensações, da dogmatização estética e das exigências éticas do espírito daquele tempo. A partir do momento em que há uma decadência de valores, há também variações dos anseios éticos dos sujeitos, ora não mais interessados na reflexão de quaisquer problemas do humano, mas fixados em dar conta das exigências éticas do tempo.

O espírito de época tratado por Broch (2014) diz respeito aos aspectos mais basilares da existência humana numa determinada época e é o plano de fundo existencial que reflete nas mais diversas atividades e labores humanos, inclusive nas artes. Segundo ele, o papel da arte não consiste em exibir e representar os valores dos sistemas vigentes da época, mas abranger a própria época, com seus diversos modos de ser naquele momento e comprometida com sua internalidade. Por esta razão, ao nos valermos do romance *Os sonâmbulos* para acessar aspectos da condição humana que esbarram numa cultura de guerra da história ocidental, estamos diante de uma possibilidade de refletir como a literatura deste autor, de algum modo, abre espaço para reflexão e compreensão a respeito de como o intervalo entre as duas grandes guerras foi também um momento de confronto entre o ético e estético enquanto denúncias de um tempo em decadência. Ademais, motivadas pela discussão engendrada por Milan Kundera a respeito da construção de “romances que pensam”, este artigo se vale da oportunidade de refletir, por meio do estético, questões importantes que assolaram um tempo.

## APONTAMENTOS TEÓRICOS

Partindo da Epistemologia do Romance (ER) como viés teórico desta pesquisa, intencionamos abarcar os conhecimentos relativos à condição humana que se mostram na obra de Broch. Para isso e em caráter lato, aproximamo-nos de três grandes áreas, Estética, Hermenêutica e Epistemologia, a fim de estabelecer um possível fundamento teórico aos dados epistemológicos e relações feitas durante a leitura do romance brochiano.

A ER entende que as relações do leitor para com a obra partem de um movimento estético em que o sujeito se relaciona com o objeto, partindo do pressuposto kantiano do sujeito transcendental, que anseia conhecer (KANT, 2015). O primeiro passo possibilitador do entendimento da obra é tomar consciência dos movimentos estéticos que abarcam a leitura de um texto literário, levando em consideração que a sensibilidade leva ao entendimento das coisas (KANT, 2015). Desse modo e de acordo com Barroso-Filho (2018), assumimos que o tipo de leitor do qual se vale a ER não se enquadra em um agente passivo de leitura de desfrute ou se propõe desinteressado academicamente. Ao contrário, a ER vislumbra, para essa especificidade, um tipo de leitor investigativo, que anseia por conhecer a partir daquilo que experiencia enquanto objeto estético. Portanto, a leitura de uma obra literária consiste numa relação sujeito e objeto limitada a um tempo e espaço, e, à medida em que o leitor, assumidamente pesquisador, faz relações e questionamentos nesse mergulhar no texto, ele alcança entendimentos.

Para a ER, o movimento de leitura é conduzido por um gesto maior, de caráter epistemológico, visando entendimento das coisas oriundas do estético, a partir do *serio lude-re*: abordagem de leitura que pressupõe uma investigação literária como brincadeira séria (BARROSO-FILHO, 2018). A partir dessa intencionalidade, novos gestos são evocados enquanto condutores de possíveis reflexões de ordem filosófica, estética e hermenêutica, movimentando as possibilidades de leitura por meio da intenção de conhecer. Por esta razão, a relação sujeito e objeto depende do contexto em que o leitor se insere, de seu repertório de leituras, sua história e, conseqüentemente, sua intencionalidade diante do objeto.

Ao nos atentarmos aos contextos, trazemos um olhar hermenêutico enquanto possibilidade de transformação por meio da experiência provocada pelo jogo, o qual lança mão o sujeito diante do objeto estético (GADAMER, 1997). Dito isso, podemos dizer que o sujeito da ER assume um grande desafio, pois a partir das relações feitas no âmbito da leitura de natureza particular, que é da ordem da experiência estética, buscará construir um trabalho que se atente às questões que se interessam em pensar o ser humano e podem compactuar com outras leituras e teorias sobre a obra, permitindo um entendimento que vai ao encontro de discussões não somente particulares, do sujeito, mas também de caráter universais, como o contexto de guerra, por exemplo.

A Epistemologia do Romance atenta que cada leitor frui e se relaciona com a obra de maneira diferente e cada leitura tem a possibilidade de contribuir para a formação de conhecimentos. A fim de afunilar e compreender academicamente a ação da leitura, essa proposta teórica desenvolve o termo “leitor-pesquisador” para se referir àquele leitor que se compromete em pesquisar a obra para além de julgamentos e opiniões, diferenciando-o de um leitor comum que lê despreziosamente. Reforçar esse entendimento revela o interesse

da proposta em sair do meramente opinativo e judicativo de gosto sobre uma obra literária e ir ao encontro de possibilidades de entendimento sobre o humano, reveladoras de elementos importantes para o entendimento histórico e cultural de um tempo.

Segundo Wilton Barroso, na “condição de pesquisadores, diferenciamo-nos de outros recebedores” (BARROSO, 2015, p. 28) e “mais do que o conhecimento, o pesquisador deve ser astuto e perspicaz, ter sensibilidade para perceber os detalhes sobre o que é e o que não é revelado” (BARROSO, 2015, p.23). Assim, apontamos que neste trabalho a obra *Os sonâmbulos* está sob um olhar de pesquisa, pois parte de uma leitura objetiva que tem a finalidade de estudar determinados aspectos escolhidos a fim de realizar uma investigação.

Amparada em Kant (2010), a investigação a partir da Epistemologia do Romance compreende um processo de leituras feitas pelo leitor pesquisador. O leitor é um sujeito diante de um objeto e ambos estão limitados a um espaço e tempo. Antes da formulação de entendimento do objeto, o leitor tem julgamentos e opiniões, mas ao fazer relações e se aprofundar na pesquisa, desenvolve uma linha epistemológica da obra.

Para o estudo da obra de Broch (2011), consideramos necessário um esforço aproximativo entre textos literários e teóricos, procurando alcançar possibilidades de entendimento da obra. Sendo o romance um objeto estético, nos debruçamos por essa forma literária específica conduzida pela obra de Kundera *A arte do romance* (2016), que incita apreender os conhecimentos existenciais presentes no romance.

O movimento de apreensão da obra de Broch se deu, primeiramente, por uma leitura atenta às questões no texto que podem reforçar teses existenciais dele e, com isso, nos aproximamos de temas que corroboram para se chegar a conhecimentos da condição humana na obra. A exemplo disso, a obra questiona como poderia o indivíduo “se submeter à ideologia e à realidade da morte?” (BROCH, 2011, p. 56). Neste percurso, temas como a morte, o *logos* e valores fazem parte de um plano de fundo que dá fundamento e se encontra na imprecisão dos valores e sistemas no momento da guerra: trata-se da decadência dos valores (*Zerfall der Werte*). Assim, designamos que a decadência dos valores é o eixo epistemológico de *Os sonâmbulos*, trazendo à obra sua hipótese ontológica.

Para Kundera (2016), o romance toca em questões da condição humana através de egos experimentais (personagens) e essas questões dizem respeito a uma hipótese ontológica desenvolvida pelo autor. Ele afirma que o romance é “a grande prosa em que o autor, através de egos experimentais (personagens), examina até o fim alguns grandes temas da existência” (KUNDERA, 2016, p. 146). Portanto, a hipótese ontológica do autor nasce de sua vivência pessoal enquanto um ser no mundo que busca dar resposta às problemáticas da vida. Essas problemáticas dão origem aos temas trabalhados na obra ficcional e vividos por seus personagens. Assim, a hipótese ontológica reúne os temas mais importantes para o autor e ele trabalha a vida dos egos experimentais em cima disso.

## A DECADÊNCIA DOS VALORES ENQUANTO HIPÓTESE ONTOLÓGICA DE OS SONÂMBULOS

Como exposto, a noção de hipótese ontológica é pautada aqui pela teoria literária de Milan Kundera, expondo a tese de que o escritor romancista busca responder às questões do

mundo e, nessa busca, desenvolve uma hipótese sobre um problema existencial do mundo. Essa hipótese é como uma resposta provisória às questões mais centrais do presente: “Quais são as possibilidades do homem na armadilha em que o mundo se transformou? A resposta exige que se tenha primeiro uma certa ideia do que é o mundo. Que se tenha dele uma hipótese ontológica” (KUNDERA, 2016, p. 56). A partir disso, o escritor imprime essa hipótese em sua obra e ela ganha diversas formas através dos personagens.

A hipótese ontológica de Broch emerge primeiramente de sua condição enquanto um sujeito no mundo, porém, mais que de ser vivente no mundo, sua condição de escritor o faz se relacionar com o mundo de outras maneiras, pois há o objetivo de dar forma às suas ideias. O romancista é um ser no mundo que o observa com severidade e trabalha meticulosamente na escolha das palavras que escreve.

Para Hannah Arendt, os textos de Broch estão profundamente ligados à sua vida pessoal e “ao conflito fundamental de sua vida” (ARENDR, 2018, p. 122). Desse modo, a partir de suas observações e considerações sobre o mundo que o rodeava, Broch decide se aventurar no espaço da literatura para tratar de seu pensamento sobre o mundo, sendo que não haveria espaço no positivismo lógico para realizar essa tarefa.

A decadência dos valores é amplamente abordada no conjunto de obra de Broch e para ele é uma problemática do espírito da época. Ela envolve assuntos culturais e universais da humanidade, pois quando abordamos sujeitos imersos em sistemas políticos ou mesmo religiosos, observamos que é uma particularidade de cada tempo e lugar no mundo, mas que a partir dessas situações particulares que conhecemos a dimensão universal do que é ser humano. Essas particularidades são possibilidades de existência que falam sobre o mundo de maneira limitada e é a partir do particular que reunimos padrões e comportamentos inerentes à condição humana; criamos conceitos e chegamos a abordagens universais que abrangem não apenas o sujeito católico ou o protestante, mas a humanidade.

A posição de Broch sobre o mundo carrega essa reflexão do particular para o universal. Segundo ele, a arte pode dar conta de falar sobre o espírito da época e da condição humana. O contexto de *Os sonâmbulos* trata de um local específico, que apresenta sujeitos com particularidades e problemas característicos do povo alemão prestes a dar abertura ao nazismo, porém, sua tese é de que a problemática da decadência dos valores é universal: “todo mundo sabe que o outro fala outra língua, que o outro vive no interior de outro sistema de valores, que cada povo está preso no interior de outro sistema de valores” (BROCH, 2014, p. 49).

Segundo Broch, a condição de decadência dos valores não é considerada uma situação vivenciada pelo mundo inteiro, mas é um estado possível em qualquer lugar, na medida em que o sistema de determinado local não se sustenta mais e os personagens de cada volume da obra agem e reagem a essa decadência. A palavra chave de Milan Kundera é “possibilidade”, e é assim que ele nomeia os personagens de “egos experimentais”, sendo possibilidades de existência que evidenciam a hipótese ontológica do autor:

E quanto a Broch? Qual é sua hipótese ontológica? O mundo é o processo de degradação dos valores (valores provenientes da Idade Média), processo que se estende pelos quatro séculos dos tempos modernos e que é a essência deles.

Quais são as possibilidades do homem perante esse processo? Broch descobre três: possibilidade Pasenow, possibilidade Esch, possibilidade Huguenau. (KUNDERA, 2016, p. 58).

Assim, adentramos nos elementos estéticos da obra cientes de que cada personagem é um ser no mundo que transparece a hipótese ontológica de Broch, e a partir desses elementos a teoria acerca da decadência dos valores é apresentada ao leitor.

## OS EGOS EXPERIMENTAIS IMERSOS NA DECADÊNCIA DOS VALORES

Em *Os sonâmbulos*, cada personagem mostra ao leitor o estar num mundo decadente. A decadência em Broch é o estado em que os valores estabelecidos pelos sistemas vigentes da época perdem força e causam desorientação e perda de sentido nas vidas dos sujeitos: “todo mundo sabe que o outro fala outra língua, que o outro vive no interior de outro sistema de valores, que cada povo está preso no interior de outro sistema de valores” (BROCH, 2014, p. 49). Na obra, esses valores se referem principalmente ao protestantismo.

O primeiro volume da obra se passa em 1888, ano em que Guilherme II ainda é rei da Alemanha e 26 anos antes da Primeira Guerra Mundial. Pasenow, personagem central deste volume, é um jovem que seguiu todas as normas que lhe foram impostas ao longo da vida, inclusive tendo que se casar com a mulher que não ama. Ele ama Ruzena, mas tem o dever de se casar com Elisabeth para unir as fortunas das famílias protestantes. Quando se torna um velho senhor e ressurge no terceiro volume da obra, não se sente recompensado por ter sempre obedecido a valores impostos durante sua vida, e no momento decadente da Primeira Guerra Mundial se apega aos valores cristãos procurando a redenção.

Pasenow é um personagem muito explorado esteticamente e há muitas reflexões sobre a importância de seu uniforme militar, apresentado no livro como “casaco do rei”, que esconde suas fragilidades:

A verdadeira tarefa do uniforme é mostrar e estabelecer a ordem no mundo e deixar nítido o que se torna vago e desvanecido, assim como esconder o que é mole e difuso do corpo humano, cobrindo suas roupas de baixo, sua pele, e o soldado em seu posto tem de usar luvas brancas. E assim é realmente dada uma segunda e mais densa pele ao homem que pela manhã veste seu uniforme e o abotoa até o último botão, e é como se ele retornasse à sua verdadeira vida, sua vida mais segura. (BROCH, 2011, p. 27).

Pasenow se apega à estética das coisas que o rodeiam: seu amigo Bertrand parece ter a vida perfeita, pois viaja e escolhe seu destino, o uniforme lhe dá aparência de um sujeito correto e determinado e sua relação com Elisabeth se sustenta pela estética romantizada que a envolve. Segundo Kundera:

Pasenow frequenta uma prostituta tcheca chamada Ruzena, mas seus pais prepararam seu casamento com uma jovem de seu meio: Elisabeth. Pasenow não lhe tem o menor amor, embora ela o atraia. Na verdade, o que o atrai não é ela, mas tudo o que ela *representa* para ele. Quando vai vê-la pela primeira vez, as ruas, os jardins, as casas do bairro onde ela mora irradiam uma “grande segurança insular”; a casa de Elisabeth o acolhe com feliz atmosfera, “toda de segurança e de doçura, sob a égide da amizade”, que, por sua vez, um dia, se extingue em amizade”. O valor que Pasenow deseja (a segurança amigável para uma família) se apresenta a ele antes que ele veja aquela que deverá se tornar (a sua revelia e contra sua natureza) portadora desse valor. (KUNDERA, 2016, p. 67).

No terceiro volume, já velho e na condição de major, se apega à religião para dar conta da realidade. O narrador mostra que ele, na condição de militar, deveria entender bem a situação da guerra, mas acredita que é um castigo divino: “Como pôde o homem, criador e participante de todos esses valores, ‘compreender’ a ideologia da guerra, ser capaz de recebê-la sem protestar e aceitá-la?” (BROCH, 2011, p. 57). Os valores a que Broch se refere surgem de um único: o valor da vida. Para ele, a vida é a base dos sistemas de valores, pois deve ser sempre preservada, mas no momento da guerra o matar é permitido e isso desorienta os sujeitos e contribui para a decadência. Segundo Kundera:

Esses personagens não são capazes de enfrentar a realidade como coisa concreta. Diante de seus olhos tudo se move como símbolos (Elisabeth como símbolo da quietude familiar, Bertrand como símbolo do inferno) e é aos símbolos que eles reagem quando pensam agir sobre a realidade. (KUNDERA, 2016, p. 69).

Esch, personagem central do segundo volume, quer salvar o mundo do que ele julga decadente e, ao mesmo tempo em que apoia revoluções dos sistemas, se mostra hipócrita, pois acredita que deve “por ordem” no mundo ao julgar todos os comportamentos das pessoas ao seu redor:

Para ele, o mundo se divide entre os reinos do Bem e do Mal num tempo em que esses valores não são mais tão identificáveis. [...] No fundo, Esch é um homem que perambula pelo mundo e, se por fora muda conforme o vento, por dentro permanece sempre o mesmo. (BROCH, 2011, p. 389).

Esch se revolta com Bertrand, personagem dono da fábrica que trabalha e amigo de Pasenow no primeiro volume. Segundo Esch, ele havia aprisionado injustamente o amigo Martin por ter participado de uma reunião sindical. Assim, sai em busca de um plano para se vingar. Esch descobre que Bertrand é homossexual e sua divulgação disso leva Bertrand a se suicidar.

A homossexualidade do personagem Bertrand desestabiliza a Esch; Bertrand escolhe não existir num mundo que não tem espaço para si e tira a própria vida. Kundera diz que, sem dúvida, Bertrand “é homossexual; perturbador da ordem divina” (KUNDERA, 2016, p. 61).

Adiante, Esch se casa com uma mulher viúva chamada Hentjen, pois tem pena dela, acreditando que sua vida não teria sentido sem um marido. Esch também acredita que a vida perfeita estaria em viver nos Estados Unidos recomeçando tudo do zero, mas no terceiro volume, torna-se um senhor frustrado com seu passado e administra um jornal local com sua esposa. Segue a vida sem arrependimentos e se considera merecedor da redenção divina. Esch é um sujeito dual: por fora anarquista e por dentro moralista, e o curioso é que, no terceiro volume, Esch e Pasenow viram amigos e juntos promovem reuniões religiosas.

Já o personagem central do terceiro volume, *Huguenau ou a objetividade*, representa um sujeito moderno que ao invés de buscar segurança nos valores “decadentes”, como Pasenow e Esch, se lança no futuro se aproveitando da fragilidade dos outros. Huguenau não segue o dito *logos*, a lógica racional que verbaliza o mundo, debochando disso tudo e rindo de Esch e Pasenow. O narrador cita a expressão “Huguenaus da época” (BROCH, 2011, p. 118), mostrando que Huguenau, enquanto uma abstração metafísica, poderia contemplar a existência de pessoas reais, e isso carrega o caráter universal do personagem.

Os comportamentos de Esch e Pasenow são o oposto de Huguenau, pois este se utiliza do irracional para elaborar sua própria lógica, que, segundo Broch, é paradoxalmente racional. Na decadência do sistema de valores, o *logos* cai porque as ações não correspondem mais a ele, entrando num processo ilógico: “É como se a realidade monstruosa da guerra tivesse suspenso a realidade do mundo” (BROCH, 2011, p. 55).

Antes de conhecer Esch e Pasenow, Huguenau nega a convocação de ir lutar no *front* e contraria o “rei” fugindo e mentindo para afirmar sua própria vida. Compra negócios falidos para tentar se dar bem no período da guerra e se tornar um grande comerciante. Sua lógica não é a imposta pelo sistema de valores, sendo que ele determina sua própria lógica individual: “a última unidade de fissão da decadência dos valores é o indivíduo [...] e quanto mais ele depender da própria autonomia empírica, tanto mais estreita se torna a sua teologia privada” (BROCH, 2011, p. 451). Assim, na decadência dos valores há diversas forças privadas coexistindo e, quanto mais se desenvolvem, menos vontade ética se tem, pois que os sujeitos passam a se tornar indiferentes ao irracional. A lógica de Huguenau agora é um sistema privado. Para Broch, a objetividade de Huguenau se caracteriza por um pensamento unidimensional na multidimensionalidade da vida.

O *logos* dentro da concepção de sistemas de valores proposta por Broch se caracteriza com a vida do sujeito dada de antemão, antes mesmo de se tornar ação. É como se o conteúdo justificasse a própria forma, antecipando o futuro. Mas segundo Arendt, o *logos* é um saber cognitivo que ainda não dá conta do futuro, da liberdade e imprevisibilidade humana. A última frase do terceiro volume da obra cita: “Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos” (BROCH, 2011, p. 483), e a partir dela Broch demonstra que está consciente de que o romance não resolve os problemas da decadência, então ele reforça que, apesar de tudo, ainda estamos vivos e continuamos decadentes.

No *logos*, é como se toda ação fosse dada de antemão. Está tudo regrado, resta apenas seguir o que se espera que faça, mesmo que se atrole o outro: “tudo manifesta o mesmo radicalismo agressivo, manifesta aquela brutalidade sinistra, eu diria quase metafísica, aquela logicidade cruel direcionada à coisa e apenas à coisa” (BROCH, 2011, p.167). Quando no momento de guerra a lógica se atomiza na vontade ética de cada sujeito, há um grande conflito de interesses que não seguem preceitos morais.



No fim da obra, Huguenau se interessa pelo negócio de Esch com a gráfica de jornal e se torna sócio do jornal. Certo dia, em meio a uma confusão na cidade, se aproveita desse momento para matar Esch: “ficou satisfeito e deu palmadinhas de aprovação, quase carinhosas, no ombro do cadáver. Tudo estava bem.” (BROCH, 2011, p. 430). Esch era apenas mais um cadáver dentre milhares de pessoas mortas na guerra. Huguenau volta à gráfica, pega todo o dinheiro do jornal e foge para Colônia para tentar uma “nova vida”. Era 5 de novembro, seis dias antes de a guerra ser oficialmente encerrada.

Nesse momento do livro há um ensaio que finaliza a narrativa e defende a ideia de que, após a guerra, a Alemanha é tomada por um sentimento saudosista de seu passado glorioso, e o narrador percebe um espaço vazio nos sujeitos que buscam um princípio orientador para aniquilar a decadência:

Acorda dentro dele com força dupla a nostalgia pelo guia, o *Führer*, que o toma leve e suavemente pela mão, ordenando e mostrando o caminho, [...] que reconstruirá a casa para que dos mortos volte a surgir o vivo. (BROCH, 2011, p. 481)

Mas conclui que, mesmo se houvesse a revolução do sistema liderado por alguém, haveria novamente a constituição de um sistema de valores tão aniquilador quanto o anterior.

Hoje, sabemos que essa reflexão parece profética, pois o que estava por vir era o nazismo e uma segunda guerra orquestrada por um “*Führer*” do povo alemão. Segundo Kundera, “o romancista não é nem historiador, nem profeta: ele é explorador da existência” (KUNDERA, p. 52), e foi a partir das reflexões sobre a condição humana que Broch supõe isso.

Na narrativa dos três volumes, há ainda muitos personagens paralelos que são outras possibilidades de existência além de Pasenow, Esch e Huguenau, bem como ensaios filosóficos de Broch que discutem, por exemplo, Hegel e Nietzsche. Nossa breve exposição tem o objetivo de mostrar a possibilidade de tratar da condição humana no espaço artístico e estudar os movimentos de leitura que nos fazem alcançar esse conhecimento, a partir da teoria da Epistemologia do Romance.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisar uma obra literária é um constante movimento dialético de leituras. Interligamos três mundos diferentes: o mundo do autor, o mundo da obra e o mundo do leitor. A Epistemologia do Romance se debruça sobre as repetições que o autor faz ao longo da obra para tomar ciência dos temas que mais são tocados.

Para Broch, mais que um espaço que pode falar da condição humana, a arte tem um caráter ético de se opor ao *kitsch*, ou seja, ir contra representações artísticas que ocultam os problemas da existência humana. Muitos personagens de *Os sonâmbulos* se apegam ao *kitsch* para não enxergar a própria condição e, segundo Broch, essa atitude *kitsch* era principalmente praticada pela burguesia, em que *kitsch* era “usado como fuga do irracional, como fuga para o idílico-histórico” (BROCH, 2014, p. 41).

De acordo com Kundera, “os tempos modernos cultivavam o sonho de uma humanidade que, dividida em diferentes civilizações separadas, encontraria um dia a unidade e, com ela, a paz eterna” (KUNDERA, 2016, p. 19). Se o sujeito vê essa promessa moderna se desfazendo, tende a acreditar nos preceitos do passado e buscar no *kitsch* um conforto. Além da dimensão artística, Kundera atenta sobre a atitude *kitsch*, que pode ser exemplificada com Esch acreditar que morar nos Estados Unidos anularia todos os seus conflitos.

O gesto de Huguenuau ao matar Esch no final da obra é simbólico: “o que é o crime se Huguenuau de Broch não só não se arrepende como se esquece do assassinato que cometeu?” (KUNDERA, 2016, p. 20). No tempo de guerra, é o irracional que toma conta da vacuidade deixada pela decadência dos valores. Huguenuau assassinou Esch porque o espírito da época permitia o irracional, desse modo, a decadência dos valores permite o “não-valor”. O que resta é a “a tragédia do mundo, que, na falta do éthos, está em franca decadência” (BROCH, 2014, p. 66).

De acordo com Arendt, Broch realiza no campo da arte uma integração entre a ficção e a filosofia, de modo que “a arte impregnada de conhecimento e o conhecimento que adquiriu visão, pudessem abranger e incluir todas as atividades práticas cotidianas do homem” (ARENDDT, 2018, p. 122), e assim dar conta de uma dimensão sutil da existência, tratando do universal a partir de indivíduos, os personagens.

Kundera observa o caráter inacabado da obra literária: “o momento fim para Broch é Huguenuau; para Mann, é Hitler” (KUNDERA, 2016, p. 64), indicando que a hipótese ontológica de Broch sempre estará inacabada na medida em que não dá conta do futuro. O futuro abre ao artista novas visões de mundo e novos entendimentos sobre os problemas humanos e, apesar de o romance ser limitado a um espaço e tempo, as relações feitas ao lê-lo são infinitas.

Infelizmente o alcance da obra de Broch não foi muito grande. Sua condição de judeu fez com que ele não tivesse muita notabilidade na literatura de língua alemã, embora tenha sido reconhecido por grandes nomes, como James Joyce, Arendt, Albert Einstein, dentre outras personalidades. Para Kundera,

De todos os grandes romancistas de nosso século, Broch é, talvez, o menos conhecido. Não é tão difícil compreender isso. Mal ele terminou *Os sonâmbulos*, vê Hitler subir ao poder e a vida cultural alemã ser aniquilada. (KUNDERA, 2016, p. 73).

Diante disso, observa-se que a teoria da decadência dos valores exposta a partir de *Os sonâmbulos* (2011) retrata o prelúdio para o sistema totalitário de Hitler que Broch ainda desconhecía. A partir dos elementos estéticos da obra é possível formar conhecimentos acerca desse período nebuloso envolto de incertezas sobre o futuro do povo alemão.

## BIBLIOGRAFIA

- ARENDETT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BARROSO-FILHO, Wilton. *Elementos para uma Epistemologia do Romance*. In Colóquio: Filosofia e literatura. São Leopoldo. Unisinos, 2003.
- BARROSO-FILHO, Wilton. BARROSO, Maria Veralice. Epistemologia do Romance: uma proposta metodológica possível para a análise do romance literário, 2015. In: Jorge Luis Gutiérrez. (Org.). *Filosofia e Literatura*. São Paulo - SP: Giostri Editora, 2015,
- BARROSO-FILHO, Wilton. BARROSO, Maria Veralice. *Estudos epistemológicos do romance*. Brasília: Editora Verbená, 2018.
- BROCH, Hermann. *Espírito e espírito de época*. Trad. Marcelo Backes. 1ª ed. São Paulo: Benvirá, 2014.
- BROCH, Hermann. *Os Sonâmbulos – Pasenow ou o romantismo: 1888*. Trad. Marcelo Backes. São Paulo: Benvirá, 2011.
- BROCH, Hermann. *Os Sonâmbulos – Esch ou a anarquia: 1903*. Trad. Marcelo Backes. São Paulo: Benvirá, 2011.
- BROCH, Hermann. *Os Sonâmbulos – Huguenau ou a objetividade: 1918*. Trad. Marcelo Backes. São Paulo: Benvirá, 2011.
- CAIXETA, Ana Paula, BARROSO, Wilton. BARROSO, Maria Veralice. *Verbetes da Epistemologia do Romance*. Volume 1. Brasília: Editora Verbená, 2019.
- CAIXETA, Ana Paula, BARROSO, Maria Veralice. *Verbetes da Epistemologia do Romance*. Volume 2. Editora Pontes, Brasília, 2021.
- GADAMER, H. G. *Verdade e Método 1*. (Trad. Flávio Paulo Meurer) Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Valério Rohden e António Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Trad. Fernando Costa Mattos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- KUNDERA, Milan. *A arte do romance*. Trad. Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

